

SILVA, Kelly Fernanda Guasso da. *Michel Pêcheux na História das Ideias Discursivas*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2024.

## Um percurso para a História das Ideias Discursivas

Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues\*

Como nos lembram Venturini e Petri (2019, p. 13), “Michel Pêcheux é lido desde a década de 1960, na França e em outras partes do mundo; são, pelo menos, 50 anos de história de leituras”. Nas Américas do Norte e do Sul, as leituras se fazem na grade das condições sociopolíticas de países como, por exemplo, o Brasil, a Argentina<sup>2</sup> e o México<sup>3</sup>, dado que toda leitura é possibilitada por condições determinadas e, nesses países, tais condições são favoráveis aos estudos de natureza discursiva, porque clamam por uma formação leitora crítica. Neste ano, mais uma obra avoluma o mercado editorial brasileiro de publicações sobre a AD: *Michel Pêcheux na História das Ideias Discursivas*, de autoria de Kelly Fernanda Guasso da Silva, editado pela Pontes. O livro discute questões que envolvem *autoria*, a constituição do conceito de *discurso* e a *pesquisa em AD*, dando corpo a *História das Ideias Discursivas* (Orlandi, 2016; 2017; 2018; 2019), linha filiada à *História das*

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística Aplicada (LAEL/PUC/SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2981-3801>.

2 A redemocratização da Argentina em 1983 trouxe mudanças significativas para o campo da linguística, que até então era uma área de estudo restrita a poucos pesquisadores e sob a influência do estruturalismo e da análise descritiva de línguas e dialetos. Com essa transformação, a linguística tornou-se uma disciplina de interesse mais amplo e quase “popular” nas humanidades. Esse novo panorama ampliou a diversidade da linguística, explorando dimensões e perspectivas variadas e promovendo um campo de pesquisa mais vasto e menos restrito, que abrangeu o funcionamento do discurso em seus aspectos sociopolíticos e culturais, refletindo o clima político da época (Rubio Scola, 2014).

3 Conforme Emilsson (2008, p. 13), o nascimento da AD no México ocorreu na década de 1980, sobretudo, com a publicação do primeiro número do periódico *DisCurso*.

*Ideias Linguísticas*. Embora a linha de pesquisa *História das Ideias Discursivas* tenha sido inaugurada por Orlandi desde 2018, linha que considera os “já ditos” como conhecimentos que contribuem para a compreensão das especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso francesa – o discurso –, a obra de Silva consagra o carimbo editorial das *História das Ideias Discursivas*, justamente pelo fato de o título fazer circular – pelas práticas editoriais –, essa linha de pesquisa. E, sem a circulação, nenhum discurso se mantém.

Silva busca mergulhar na densa produção intelectual de Michel Pêcheux e, apesar de o arquivo de leitura formado pela autora constitua-se de textos cuja circulação é consolidada por estudiosos da AD, na obra o leitor vai encontrar uma análise que examina implicações editoriais sobre conceitos caros à AD, oferecendo leituras que buscam responder as seguintes questões: “Como o conceito de discurso é trabalhado nas publicações do autor Michel Pêcheux?” (p. 22); “Quais textos estão disponíveis on-line?” (p. 45) – imprescindíveis para quem se adentra nos estudos da AD de linha francesa. O percurso de leitura da autora para responder a essas indagações atravessa artigos em revistas científicas publicados entre meados de 1968-1983, na França, e disponíveis no repositório *Persée*, como também nas obras *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) e *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. O trabalho de Silva (2024, p. 44), em suas palavras, é “uma tentativa de fazer ver, [...] o que está em circulação sobre a caminhada teórica do autor Michel Pêcheux”, sem buscar a exaustividade em extensão ou em completude, princípio básico de uma análise discursiva, mas que permitisse acompanhar a erudição do fundador da AD.

Em linhas gerais, o livro busca nos auxiliar na compreensão, sempre imperiosa, de razões por que Michel Pêcheux chegou às reflexões que chegou em contextos sócio-políticos e intelectuais da França de 1960; por que certos tipos de problemas foram, de forma obstinada, perseguidos pelo teórico e; por que a perspectiva discursiva proposta por ele fez avançar os estudos das ciências da linguagem no sentido de colocar em suspenso o conceito de linguagem como realidade objetiva. A proposta de Silva, na posição de analista do discurso, em seu movimento pelo arquivo, constitui-se de um trajeto de leitura, que requer um batimento entre descrição e de interpretação (Pêcheux, 1990), a partir de um trajeto de leitura que busca apontar os momentos em que o autor [Pêcheux] define/movimenta os conceitos, buscando as repetições e os sentidos que ressoam. Vejamos, em seguida, como Silva estrutura seu trabalho.

No primeiro capítulo, além de conhecer o percurso acadêmico da autora e seus interesses pela AD materialista, o leitor vai encontrar as especificidades da *Produção do Conhecimento Discursivo* – “o fazer próprio do analista de discurso, ou seja, aquele que pode assumir, entre outras, a posição de sujeito que questiona saberes dados como estabilizados no fio do discurso” (Guasso; Petri; Harb, 2019) –, a partir do repositório *Persée*. Nesse capítulo, a autora apresenta sua metodologia de análise, o que é custoso para o analista do discurso, já que ele deve “construir” um dispositivo de interpretação, que busque ouvir além das evidências. Em seu caso: i) levantamento de textos/artigos publicados por Pêcheux em periódicos das Ciências da Linguagem, visando apresentar uma bibliografia atualizada do autor, ii) condução de uma pesquisa sobre o contexto histórico de construção de sua autoria/coautoria, com o objetivo de

aprofundar a compreensão das condições em que esses discursos foram produzidos e do lugar dado ao autor; iii) identificação de *ressonâncias discursivas* entre obras publicadas por Pêcheux em revistas científicas e as publicadas em suas obras mais lidas; iv) materialização de um estudo teórico sobre os momentos de formação da teoria discursiva e de seus instrumentos de interpretação (p. 35). Ao fim desse capítulo, a autora situa a *História das Ideias Discursivas*, na sua relação com a *História das Ideias Linguísticas*.

O segundo capítulo revisita alguns textos de autoria famosa em AD, retomando o trabalho teórico de Michel Pêcheux sobre o funcionamento da ideologia – conceito-chave de sua teoria –, o que deu a ele o título de polêmico e crítico (adjetivos que, a meu ver, representam a característica primeira de um consumado teórico). O objetivo desse tópico é, nas palavras da autora, “resgatar” conceitos importantes da primeira fase da AD até a desconstrução da maquinaria discursiva. O que traz de novo a autora sobre o já-dito em relação ao momentos de edificação da teoria pecheutiana? É a organização e o registro das referências necessárias para aqueles que desejem conhecer, na origem, as obras que tematizam as fases e as categorias teóricas propostas por Pêcheux para o estudo do discurso. Trata-se, portanto, de uma interrogação incessante que todo pesquisador deve fazer e que se desenvolve na medida em que sua experiência se aprofunda e seu olhar se amplia.

No capítulo 4, a autora dá a ver uma bibliografia atualizada de Pêcheux – de 1966 a 1983 –, a partir de materiais publicados por Angélique Pêcheux e outros, Francois Gadet, Jacqueline Léon, Peter Schöttler e Michel Plon, Denise Maldidier; nos arquivos que compõem o Fundo Michel Pêcheux, nos trabalhos

traduzidos por Eni Orlandi e na descrição proposta por Piozevani e Sargentini, trazendo à cena dados numéricos dos textos e das línguas (alemão, italiano, sueco, inglês e espanhol) em que Pêcheux produziu sua escrita e a inseriu na memória social dos estudiosos do discurso. Além disso, nessa parte da obra, é um gesto de leitura do arquivo – “entendido no sentido amplo de campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux, 1994, p. 3) – “um “trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo [...], contra tudo o que tende a apagar este trabalho” (idem), nas tentativas mecânicas ou orgânicas de reduzi-lo. O sentido é *relação à*, portanto, as máquinas chamadas de inteligentes não são capazes de reduzi-lo” (Canguilhem *apud* Pêcheux, 1994). Em outras palavras, o trabalho de Silva demonstra, para aqueles que acreditam na ilusão do controle do sentido por meio de algoritmos nas buscas e na escrita da atividade de pesquisa, que os recortes de textos e suas articulações produzem um texto. Produzem, na verdade, um simulacro de texto. O problema é que o pesquisador se depara (por sorte!) com a opacidade do sentido, com impossibilidade de seu controle, pois a máquina não recupera saberes sobre o funcionamento do discurso, que, (re)lidos, colocam em movimento a memória discursiva, o que promove a *Produção do Conhecimento Discursivo* (p. 47), que, por sua vez, constitui a construção da autoria. Nos termos foucaultianos, a construção de uma discursividade.

O terceiro capítulo aventado para a obra discute o modo como Foucault e Orlandi definiram o conceito de autor em seus estudos e como isso foi realizado por Pêcheux, reiterando a tese de que a escrita (não o texto, produto desta) “é uma relação do sujeito com a história” (Orlandi, 2006, p. 24), o que significa que

a escrita não pode ser apartada nem da história, nem do sujeito, pois é na escrita que se materializam os fios da história. Em relação à autoria em Pêcheux, podemos dizer que se trata de uma autoria que se produz em e por diferentes sujeitos – *Movimento de coautoria* – nome dado por Silva para o processo de coautoria declarada na *Produção do Conhecimento Discursivo*, aquilo que ele [Pêcheux] “viveu no Partido Comunista, na militância, no coletivo. Em conjunto, compartilharam-se ideias, discutiram-se teorias, analisaram-se discursos não só nos laboratórios das universidades, mas também nos cafés da cidade” (p. 98). O mais interessante nesse capítulo são explicações de Silva sobre a autoria na AAD, porque os fatos são conhecidos, mas a leitura dos fatos nos dá a força do coletivo criado por Culioli, Fuchs, Plon, para citar alguns, e o próprio Pêcheux na constituição de uma teoria discursiva que concebeu a língua sujeita à deriva, ao equívoco, que escapa ao intencional e à estrutura, na sua relação com a história, constituindo a produção de sentidos.

O capítulo 5 destaca 5 periódicos em que Pêcheux publicou, entre meados de 1960 e 1980, na França. A autora enquadra outra questão, talvez, já dada, mas também com olhos novos. Me explico: professores de pós-graduação, usualmente, culpam seus alunos pela incompreensão da teoria discursiva proposta por Pêcheux (e de tantos outros teóricos). De fato, nenhuma teoria é de fácil apreensão, não só por conta da compreensão de seus princípios, conceitos, categorias, hipóteses, que juntos constroem sua lógica interna, mas também pelo fato de que, nem sempre, os pesquisadores em formação têm à disposição, no mercado editorial, uma obra que “nos conte” os fios que nos prendem a uma referência (Ferreira, 2012, p. 41). É esse o olhar de Silva, sua inquietação como pesquisadora, ao recuperar as

publicações sob autoria de Pêcheux no sentido de examinar as ferramentas das quais o autor se utilizou para divulgar saberes sobre o funcionamento dos discursos e sua análise.

O capítulo seguinte apresenta os conceitos de *repetição* e de *ressonâncias discursivas*, partindo de títulos de artigos publicados por Pêcheux, a fim de explicitar as marcas linguísticas na formulação e na reformulação do conceito de discurso. Dois artigos, em um primeiro momento, foram estudados, para os quais não havia, quando da produção da pesquisa, tradução em português: *Analyse du discours, langue e idéologies*, disponível na revista *Langages*, no. 37, e *La linguistique hor's d'elle même: l'histoire absolument*; em seguida, a autora realizou recortes das obras *Análise Automática do Discurso (AAD-69)* e *Semântica e Discurso*. Nesse capítulo, Silva prescreta o arquivo construído por ela, de forma esquemática, visando a um gesto de leitura analítica em 5 quadros de recortes de sequências discursivas de excertos das obras em questão. São retomados conceitos como representação, discurso, interdiscurso, intradiscurso, ideologia, processo discursivo, lugar e posição sujeito, formação discursiva, a fim de verificar as ressonâncias discursivas – em diálogo com o já dado – o não previsto, o não-dado.

Por fim, no último capítulo, encontramos, resumidamente, os achados do trabalho de investigação da teoria materialista do discurso e o seu lugar na *História das Ideias Discursivas*.

Para se tornar autor epistêmico, é preciso, exatamente, praticar o que Silva nos conta em sua obra: pesquisa constante, leitura sistemática e exercício da autoridade do argumento, “superando o argumento de autoridade; fazer conhecimento científico é, mais que tudo, saber questionar e autoquestionar para convencer sem vencer” (Demo, 2005)

Resenhar, a meu ver, estabelece, sempre, as seguintes perguntas: o que dizer para quem vou dizer? E como dizer? Parafrasear a obra resenhada não acrescenta muito para o leitor, porque ele, [o leitor] de resenhas, busca conhecer a obra sem conhecê-la e; ao mesmo tempo, objetiva conhecer dados de uma obra que vão encaminhá-lo para uma leitura possível, ou seja, o comentário que dará e ele uma possibilidade de interpretação diante de um objeto opaco como o texto que materializa a prática científica.

Em tempos de reverência – a qual é sempre alienada – à memória metálica, é preciso fazer ver a memória discursiva, porque “é no nível dos fundamentos que tudo se passa” (Maingueneau, 1990, p. 65). É justamente disso que trata *Michel Pêcheux na História das Ideias Discursivas*.

## Referências

CIAPUSCIO, Guiomar Elena. *Apuntes para una evaluación de los estudios lingüísticos en la Argentina, Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas “Dr. Amado Alonso”*, Universidad de Buenos Aires, CONICET, Hispanic Issues Online, 2007. Disponível em: <http://hispanicissues.umn.edu/assets/pdf/13-HIOL-2-11.pdf> Acesso em: 31 out. 2024.

DEMO, P. *Argumento de autoridade X autoridade de argumento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

EMILSSON, Elin. Un camino andado: Una mirada al análisis del discurso en México. *Estudios de Lingüística Aplicada*, v. 48, p. 13-38, 2008. Disponível em: <https://ela.enallt.unam.mx/index.php/ela/article/view/558/610> Acesso em: 31 out. 2024.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A análise de discurso e a constituição de uma história das ideias linguísticas do Brasil. *Fragmentum*, [S. l.], n. ESPEC, p. 17– 47, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36580> Acesso em: 13 nov. 2024.

GUASSO DA SILVA, Kelly Fernanda; PETRI Verli; HARB, Fidah Mohamad.

Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em Análise de Discurso. *Interfaces*, Guarapuava, v. 10, n. 3, 2019, p. 9-20. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/6223](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6223) Acesso: 13 de jun. 2024.

ORLANDI, Eni Puccineli. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 21 - 30.

ORLANDI, Eni Puccineli. Ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis. In: BARONAS, R. L. et al. (Org.). *Ética, Ciência, Ideologia, Interpretação*. Campinas, SP: Pontes editores, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de Discurso: a questão dos fundamentos. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, 19, jul./dez. p. 65-67, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In. ORLANDI, Eni P. (org) [et. al.]. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

VENTURINI, Maria Cleci; PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o trabalho teórico de Michel Pêcheux: 50 anos após a publicação de AAD-69. In: GARCIA, Dantielli Assumpção

Garcia; SOARES, Alexandre Sebastião. (org.). *De 1969 a 2019: um percurso da/na Análise de Discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2019.

RUBIO SCOLA, Virginia Irene. A recepção as análises do discurso na Argentina durante a “Normalização democrática”: o caso da UBA. *Tese de Doutorado*. Universidad Nacional de Rosario, Santa Fé.